

UMA ANÁLISE DO FRACASSO ESCOLAR NA CLASSE MÉDIA A PARTIR DOS RESULTADOS DE UMA PESQUISA DE MESTRADO

Rodrigo Antônio Simões da Silva Pena

Universidade Federal de Minas Gerais - rodrigossimoespina@gmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho foi o de estudar mais detidamente a relação entre duas das mais importantes variáveis do campo da Sociologia da Educação, quais sejam, as condições sociais e o desempenho escolar, isso a partir da crítica aos limites daquele que é, ainda hoje, tido como o principal paradigma dessa disciplina no que se refere ao estudo das desigualdades perante a escola e o ensino, ou seja, o Paradigma da Reprodução. Assim, nosso interesse foi exatamente avançar nas discussões relativas à correlação exposta acima, direcionando o estudo para as situações escolares às quais as teorizações sociológicas ainda oferecem poucas análises. Com isso, investigamos as trajetórias escolares de quatro estudantes de Ensino Médio matriculados em escolas particulares das cidades de Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais. Mais especificamente, nosso objetivo foi o de melhor compreender as trajetórias escolares de estudantes de classe média que, mesmo apresentando as duas características apontadas por Pierre Bourdieu como as mais impactantes, positivamente, para as carreiras escolares, quais sejam: serem provenientes de famílias detentoras de Capital Econômico e, principalmente, de Capital Cultural, ainda assim, contrariando todas as expectativas familiares, escolares, sociais e sociológicas, desenrolam trajetórias escolares de fracasso.

Palavras Chave: Fracasso Escolar, Classe Média, Sociologia da Educação.

INTRODUÇÃO

O objetivo central do trabalho do qual deriva este artigo foi o de estudar mais detidamente a relação entre duas das mais importantes variáveis do campo da Sociologia da Educação, quais sejam, as condições sociais e o desempenho escolar, isso a partir da crítica aos limites daquele que é, ainda hoje, tido como o principal paradigma dessa disciplina no que se refere ao estudo das desigualdades perante a escola e o ensino, ou seja, o Paradigma da Reprodução.

Assim, nosso interesse foi exatamente avançar nas discussões relativas à correlação exposta acima, direcionando o estudo para as situações escolares às quais as teorizações sociológicas ainda oferecem poucas análises. Com isso, investigamos as trajetórias escolares de quatro estudantes de Ensino Médio matriculados em escolas particulares das cidades de

Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais. Três desses alunos apresentam históricos escolares marcados por grandes dificuldades, incluindo reprovações, caracterizando, nos termos que iremos definir mais adiante, situações de fracasso escolar. A quarta aluna, ao contrário, apresenta uma escolarização de sucesso. Mais especificamente, nosso objetivo foi o de melhor compreender as trajetórias escolares de estudantes de classe média que, mesmo apresentando as duas características apontadas por Bourdieu (1964; 1970) como as mais impactantes, positivamente, para as carreiras escolares, quais sejam: serem provenientes de famílias detentoras de Capital Econômico e, principalmente, de Capital Cultural - avaliado aqui a partir da presença de pais com nível superior de ensino - ainda assim, contrariando todas as expectativas familiares, escolares, sociais e sociológicas, desenrolam trajetórias escolares de fracasso. Como afirma Lahire (2008, p. 12), “as pistas parecem, ao menos no início, confusas, e a tentativa de compreensão de situações atípicas, que não nos mostram aquilo que poderíamos esperar, constitui um verdadeiro desafio sociológico”.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha da abordagem metodológica, entendemos, nunca se faz prévia à intenção da pesquisa, antes disso, ela deve atender justamente àquilo que o trabalho se propõe. Na situação em questão, como analisamos um número reduzido de casos, generalizações de cunho quantitativo não seriam possíveis, ademais, nosso interesse era o de analisar nuances e características sociais e familiares que dificilmente poderiam ser compreendidas quantitativamente, por isso mesmo, optamos por uma abordagem qualitativa.

Começamos nosso trabalho de campo realizando contatos com todas as escolas particulares que atendiam ao segmento do Ensino Médio e pelo menos o último ano do Ensino Fundamental nas cidades de Ouro Preto e Mariana, MG, obedecendo claramente aos critérios de formação da amostra¹. Do total de 6 (seis) colégios contatados, 4 (quatro) aceitaram participar da pesquisa, sendo que, em três desses obtivemos aval de pelo menos uma família para apresentarmos o trabalho. Tínhamos o objetivo de analisar trajetórias escolares de estudantes que se encontrassem em condição de fracasso escolar, além disso, e fundamentalmente, o objetivo era analisar casos de estudantes, assim descritos, de camadas

¹ Definimos como critérios de formação da amostra: a) estudantes de escolas particulares (identificando privilégio econômico e institucional); b) estudantes entre o 9º ano do EF e o 3º do EM (de modo a que verificássemos toda uma trajetória de fracasso/sucesso escolar, eliminando as extemporaneidades); c) pelo menos um dos pais detentor de Ensino Superior completo (identificando privilégio cultural familiar); d) renda familiar de pelo menos 8 SM (identificando, de acordo com as condições socioeconômicas locais, privilégio econômico); e) e por fim, nos interessava analisar trajetórias escolares de estudantes em situação de fracasso escolar, conforme definiremos mais adiante neste artigo.

sociais favorecidas do ponto de vista econômico e, principalmente, cultural, e que definimos aqui como classe média. Esse é o motivo que nos levou a restringir a amostra à colégios particulares.

Dado o aval da direção dos colégios, iniciamos a etapa de formação da amostra. Para isso, recorremos à indicação feita pelos coordenadores pedagógicos ou por diretores. Chegamos a um total de 19 alunos/famílias indicados. Enviamos, por intermédio da escola, uma carta solicitando permissão para marcarmos um encontro em que exporíamos o projeto e faríamos o convite para que participassem da pesquisa. Das 19, apenas sete famílias retornaram positivamente o contato. Com cada uma delas foi marcado um encontro e, nele, foi explicitada a proposta de trabalho e feito o convite à participação. Dos sete encontros, em dois, os pais se recusaram veementemente a participarem da pesquisa. Em outros dois casos, tivemos de descartar a participação, mesmo já tendo procedido a uma das entrevistas, em razão de as famílias não se enquadrarem de fato nos pré-requisitos por nós estipulados. Com isso, chegamos, por fim, a três dos quatro casos que compõem nossa amostra.

O quarto caso somente surgiu já no final do período de campo, que ocorreu entre os meses de março e dezembro de 2013. Tínhamos em mãos alguns dos dados advindos das entrevistas e concluímos que poderíamos padecer, na fase da análise propriamente dita, da falta de um fator de comparação oriundo do mesmo meio social de onde obtínhamos nossos casos. Foi então que surgiu a ideia de um “contraponto”, ou seja, de um caso que, diante das mesmas configurações socioeconômicas e espaciais, apresentasse situação escolar oposta. Solicitamos a duas das três coordenadoras pedagógica com as quais mantínhamos contato que nos indicassem algum aluno que se encontrasse nessa situação em sua escola. Obtivemos resultado positivo em uma delas. Foi-nos indicada uma estudante do terceiro ano do ensino médio que apresentava histórico escolar invejável e que acabara de ser aprovada no vestibular para medicina de uma concorrida universidade particular. Passamos pelas mesmas etapas descritas acima para os outros casos de nossa amostra e, assim, chegamos ao nosso quarto caso de análise.

Em cada um deles foram realizadas três entrevistas semiestruturadas² de aproximadamente 70 minutos, ocorrendo, sempre separadamente, uma entrevista com o aluno, uma com um familiar mais próximo à escolarização desse estudante - invariavelmente nestes casos, a mãe, - e uma com um professor que pudesse servir de referência em razão de seu conhecimento do caso. O *corpus* de informações do qual dispusemos na pesquisa vem

² O perguntas que compõem as entrevistas, bem como a dissertação completa podem ser acessados em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-B3QJZM>

exatamente dessas entrevistas, além, também, das observações de campo feitas ao longo da pesquisa.

Os perfis de configuração³

Um grande problema metodológico que enfrentamos desde o início dessa pesquisa foi o de como proceder com a análise de casos singulares e, até certo ponto, inesperados, a partir da crítica a um referencial teórico que fez exatamente o contrário.

E quando os estudantes contrariam as expectativas sobre suas trajetórias escolares? E quando as camadas populares se saem bem na escola, perguntou LAHIRE (2008). E quando estudantes de camadas favorecidas do ponto de vista econômico e cultural, mais especificamente das camadas médias, não obtêm bons resultados escolares, perguntamos nós. Contudo, como analisar casos singulares, obviamente dispensando o aparato estatístico, sem cair na pura descrição?

A resposta a esse questionamento encontramos no recente, porém já célebre livro de Lahire (2008), *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, que, aliás, serve-nos de fonte de inspiração⁴. É preciso mudar o foco da análise. Ao invés de olharmos apenas para as grandes variáveis sociológicas, como as origens sociais, o gênero, a raça etc., devemos nos atentar para as configurações sociais⁵ que cercam os casos. Assim, como coloca o próprio Lahire (2008, p. 19), só é possível entender os resultados escolares dos estudantes se “reconstruirmos a rede de interdependências familiares através da qual eles constituem seus esquemas de percepção, de julgamento, de avaliação, e a maneira pela qual estes esquemas podem ‘reagir’ quando ‘funcionam’ em formas escolares de relações sociais”.

Para isso, aproveitamos a experiência positiva desse autor com os “perfis de configuração familiar”. O perfil sociológico foi utilizado por nós como a principal ferramenta de descrição e análise dos dados. Trata-se de um mecanismo a partir do qual foi possível dispor as informações que tínhamos de cada caso sem, entretanto, isolá-las na pesquisa.

Assim, a constituição de perfis familiares objetivou evitar a “solidão” de qualquer dos casos. De outra maneira, nosso objetivo era que pudéssemos interpretar os dados obtidos a partir das entrevistas e de nossas notas etnográficas, de modo que fosse possível a

³ Para acessar os perfis de configuração e também as categorias de análise a partir das quais os compusemos ver: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-B3QJZM>

⁴ Ainda que tenhamos invertido o objeto, já que Lahire tratou do sucesso escolar nas camadas populares e, aqui, tratamos do fracasso escolar nas camadas médias.

⁵ Lahire (2008, p. 39-40) define “configurações sociais” da seguinte maneira: “[...] o conjunto dos elos que constituem uma “parte” (mais ou menos grande) da realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana”.

interconexão entre cada perfil, o que, em nosso entendimento, enriqueceu a análise e permitiu-nos retirar conclusões mais precisas de nosso trabalho de campo.

O fracasso escolar

Entendemos neste trabalho que, apesar de seu uso bastante difundido, o conceito de fracasso escolar precisa ser melhor definido. Esse conceito ganhou, ao longo dos anos, um teor pejorativo muito forte (não esqueçamos que com ele se define o fracassado), estando ligado, provavelmente em razão de sua larga utilização para o entendimento de escolaridades nas camadas populares, tanto à reprovação quanto ao fenômeno da desescolarização, traduzido na evasão escolar. Ocorre que, fora das camadas populares, o fracasso escolar não representa necessariamente a reprovação e, quase nunca a desescolarização. Pelo contrário, nesses meios, o recurso à mecanismos de redução dos danos do fracasso, como, por exemplo, o recurso a instituições de ensino definidas por Ballion (1970 apud NOGUEIRA, 2004) como *établissements de rattrapage*, ou seja, especializadas em “recuperar” trajetórias orientadas para a reprovação que, entre tantos outros, suavizam as situações, diminuindo a impressão que se tem das dificuldades escolares e, ainda mais importante, as consequências práticas do fracasso escolar.

Por tudo isso, no âmbito dessa pesquisa, optamos por definir especificamente aquilo que entendemos por fracasso escolar no meio social por nós estudado, ou seja, a classe média. Assim, trajetórias escolares que apresentem histórico de dificuldades visualizadas em notas frequentemente abaixo da média, frequência de eventos de recuperações, reprovações, evasões, dificuldades em realizar as obrigações escolares como os deveres de casa ou as tarefas de sala de aula e que sejam visualizadas por professores e familiares como aquém das expectativas. São essas as características que definimos como componentes dos casos de fracasso escolar na classe média e será a partir delas que entenderemos o fenômeno a partir de agora. Lembramos que, não necessariamente, todos esses elementos deverão estar presentes para que definamos um caso. Basta, na verdade, que alguns deles, em combinação, criem turbulências, ou seja, dificuldades recorrentes e suficientes para colocar em cheque os esforços tanto do estudante como de seus familiares, reduzindo as expectativas em relação àquele aluno.

A classe Média

Por fim, com relação à categorização das famílias estudadas, vivemos recentemente um processo de acessão social que, pelo menos até o final de 2014, foi capaz de promover uma verdadeira “escalada” na pirâmide social, sobretudo na base da pirâmide, reduzindo os

contingentes antes pertencentes à classes D e E e ampliando a chamada classe C. Este fenômeno cria o que tem-se denominado de Nova Classe Média Brasileira⁶.

Entretanto, as famílias às quais estudamos não se enquadram nessa categoria. A estrutura patrimonial⁷ e mesmo a mentalidade desses indivíduos não nos permitem tal afirmação. Ao mesmo tempo, as mesmas condições materiais e intelectuais não nos autorizam a dizer sobre eles, componentes das altas elites. Nos sentimos, assim, obrigados a identificá-las como estratos socioeconômicos intermediários, haja vista que são famílias detentoras de Capitais que, porém, são relativizados em sua rentabilidade por algumas características, quais sejam, a própria história familiar e os tipos de títulos conquistados.

Essa é uma posição quase paradoxal, isto é, não são nem elites nem camadas populares, são classe média, no estrito senso do termo. É como se elas conjugassem tanto um *ethos* popular, de quem veio de família simples, humilde, batalhadora, nas palavras de nossos próprios entrevistados, como um outro *ethos* elitista, ou pelo menos, a vontade de pertença à ele. As funções profissionais, as aspirações e até mesmo a defesa de valores conservadores de moral e de “bons costumes”, presentes nas mesmas falas, nos permitem tal afirmação. Entendemos assim a classe média que estudamos. Eles são “médios” no sentido mais comum e próximo do dicionário, isto é, um valor alcançado entre ter tentado ser e o que foi capaz de obter: não ficou nem lá nem cá ou, como já dissemos a pouco, nem tanto ao céu, nem tanto ao mar.

CONCLUSÕES

Ao colocarmos em questão o inesperado de casos de fracasso escolar na classe média, o que podemos afirmar como conclusões? Antes de buscarmos por uma resposta única e absoluta para o problema, que entendemos é impossível ser definido assim, pelo menos no modelo de trabalho que empreendemos, nos preocupamos, e isso se tornou mais forte quanto mais avançávamos em nossa pesquisa, em caracterizar e problematizar o máximo de fatores que pudessem nos ajudar a dar sentido à essas trajetórias escolares, até então, um tanto quanto enigmáticas. Ao não absolutizarmos qualquer fator, como também fez Lahire (2008), evitamos uma análise parcial e descontextualizada, em prol de um esforço de entendimento mais completo do problema e que leva em consideração a interdependência de fatores na explicação dos casos, afinal, “origem social”, “relação com o saber”, “ocupação profissional

⁶ Sobre isso ver: Pochman 2012; Neri 2011.

⁷ Ver tabela anexa à dissertação em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-B3QJZM>

dos pais”, entre outros, não são fatores capazes de, isoladamente, “causarem” o fracasso escolar.

O tipo de relação entre os pais e a escolarização dos filhos: a qualidade faz toda a diferença

As três mães que possuem filhos em dificuldades escolares apresentam-se em nossa amostra bastante participativas em relação àquilo que se refere ao acompanhamento escolar. Elas, como professoras, mas principalmente como mães, vão à escola com frequência, conversam com os professores, tentam controlar a rotina dos filhos, buscam impor obrigações, zelam pelos horários, oferecem apoio em momentos de dificuldades, como em casos de recuperação, nos quais é comum o oferecimento de aulas de reforço etc. Desse modo, elas atendem às demandas por maior participação familiar na escola, comuns, por exemplo, na fala dos professores entrevistados. Ainda assim, todo esse zelo não é suficiente para se evitar o fracasso escolar. Em contrapartida, no caso da estudante do Perfil 4, que apresentava situação de sucesso escolar, verificamos um tipo de relação da família com a escolarização da filha que tem em sua “qualidade”, a grande chave de sucesso. Nesse caso, os pais não se limitam a se colocarem enquanto gestores dessa trajetória, eles vivem-na com a filha, o que significa estudar junto, realizar pesquisas com a finalidade de dar suporte em suas demandas ou deixar atividades de lazer para que se possa ter ao menos um momento do dia com a estudante. Vemos nessa família que os pais vivem a cada momento a escolarização junto com a filha e que trata-se mais do que de um projeto da aluna e realizado por ela, de um projeto da família e realizado por todos. Acreditamos que esse tipo de relação, que vai além da posição de gestão encontrada nos Perfis 1, 2 e 3, é um elemento central para explicar o sucesso escolar da aluna do Perfil 4, e, inversamente, o fracasso dos demais de nossa amostra.

Notamos assim que o tipo de relação com a escolarização dos filhos que parece mais eficiente para a fração da classe média estudada é aquele que combina gestão e parceria, ou coparticipação, a ponto de o investimento parental (pai e mãe) transformar-se em uma partilha, junto do(s) filho(s), do processo de escolarização.

O sucesso escolar dá trabalho! (E não basta o trabalho da escola e da família)

Outra conclusão que podemos afirmar de nossa pesquisa é a de que o sucesso escolar “dá trabalho”! Ao contrário do que as teses bourdieusianas⁸ poderiam propor, não bastam a

⁸ Referimo-nos aqui, mais aos trabalhos inspirados pelas contribuições de Bourdieu, do que ao seu trabalho em si. Compreendemos que, quando Bourdieu fala da importância dos Capitais para a explicação das desigualdades escolares, ele não desconhece que o esforço individual é uma variável capaz de alterar os destinos individuais.

posse de Capitais para que o fracasso esteja eliminado das possibilidades, e nossa amostra é prova disso.

Primeiramente, verificamos que, mesmo lidando com estruturas familiares em que a posse de Capital Cultural, na forma de titulação escolar, é um elemento marcante, e nas quais as questões econômicas permitem garantir acesso a serviços escolares, senão de excelência, pelo menos de qualidade marcadamente superior à média nacional, o fracasso escolar se apresentou de maneira bastante acentuada, como visto nos Perfis 1, 2 e 3. Por outro lado, na trajetória escolar de sucesso, o Perfil 4, por exemplo, uma tônica que se destaca é justamente a do esforço. Vejamos na voz da própria aluna e de sua professora. [“Às vezes eu ia dormir tarde por causa do cursinho, chegava em casa meia noite, no outro dia eu acordava 4 horas da manhã e estudava pra poder dar conta”], disse-nos a estudante. Já a professora: [“Olha só, a Rafaela ela é uma aluna assim, comprometida, sabe, de uma determinação enorme”]. Mais do que se aproveitar de boas condições socioeconômicas, percebemos na trajetória de nossa aluna contraponto, uma dedicação e um esforço protagonistas.

Em segundo, temos também ciência que, em relação aos hábitos de leitura e estudo e seus impactos para o desempenho escolar, pode-se, e nós também o fazemos, questionar: Os alunos vão bem na escola porque leem e estudam rotineiramente, ou, os alunos leem e estudam rotineiramente porque se dão bem na escola? Diante dessa interrogação, com os dados que temos, interessa-nos mais reafirmar a correlação existente entre desempenho escolar, de um lado, e as tarefas escolares e o hábitos de leitura, do outro, do que compreendê-la por completo. Isso se impõe como uma tarefa para outra pesquisa.

O gosto pelos estudos, a relação com o saber e o acesso ao Ensino Superior: a classe média vai ao Ensino Superior

O acesso dos filhos ao Ensino Superior é para a classe média um objetivo ao qual ela está disposta a quase tudo para alcançá-lo. Essa é, sem dúvida, mais uma das principais conclusões deste trabalho.

De tal modo que, de maneira geral, encontramos famílias nas quais chegar a esse nível de ensino é quase uma obrigação para os estudantes, tendo os mesmos internalizado essa meta

Ocorre que, sem considerar uma característica fundamental do Paradigma da Reprodução, que é o fato de este ter se direcionado para uma macro sociologia interessada em regularidades que intrigavam seus pesquisadores, ou seja, fundamentalmente, na pergunta: Porque os filhos das camadas populares, frequentemente, fracassam na escola, e não para o estudo das histórias individuais, muitos pesquisadores, posteriores à década de 1970, interpretaram, erroneamente, Bourdieu e o reprodutivismo como estruturalistas que negavam toda e qualquer possibilidade à Ação. Faz-se mister lembrar que Bourdieu desenvolveu seu conceito de *habitus* exatamente preocupado com essa oposição entre Estrutura X Ação, e ainda assim, não foi poupado de críticas mal fundamentadas que o identificavam como exageradamente determinista.

que, aparentemente, é inicialmente dos pais. Isso é perceptível quando relacionamos esse ambicioso objetivo⁹ com as disposições de gosto dos filhos dessa camada para o estudo. Em nossa amostra de quatro alunos, nenhum deles disse sentir prazer na tarefa de estudar e, nos três casos de fracasso, eles foram taxativos em afirmar que não gostam de estudar e que, se de alguma maneira o fazem, isso se dá em razão de perceberem na escola, e mais especificamente, nos diplomas escolares, senão a única, pelo menos uma saída razoavelmente concretizável, mesmo diante de escolaridades “acidentadas”, para garantirem um futuro que os mantenha na mesma condição de vida que detém, ou que os possibilite alguma ascensão, vejamos algumas passagens das entrevistas citadas nos perfis, como por exemplo, [“Véi’, estudar hoje é uma coisa que tem que ser prioridade porque tá cada dia mais difícil o mercado de trabalho”], (Perfil 3), ou então, [“Fazer um curso superior eu acho que é necessário pra arrumar um bom emprego, ter um trabalho, uma profissão”], (Perfil 2).

Com isso podemos dizer, os filhos da classe média vão ao Ensino Superior, disso eles (pais e estudantes) não tem dúvida.

Tensão e conflito: uma constante

Uma marca que caracteriza as trajetórias escolares nos meios em que pesquisamos é o alto grau de tensão e a forte presença do conflito, não somente entre escola e família, mas também entre os familiares. O destaque desse trabalho para essa categoria se dá na intensidade dessas tensões, bastante visíveis em todos os perfis, em especial nos Perfis 1, 3 e 4, se bem que por razões diferentes entre os dois primeiros e o último. Como dependem em alto grau do sucesso escolar para a continuidade da posição, ou mesmo para a ascensão social, essas famílias viverão constantemente momentos de tensão, sendo que, pelo menos do que foi possível depreender de nossas análises, serão as mães e, em segundo plano os estudantes, os maiores afetados por sentimentos de ansiedade e culpa.

Os pais se desentendem, acusam as escolas, as mães se culpam, os pais (homens) e mesmo as mães brigam com os filhos exigindo melhores resultados diante dos investimentos por eles realizados, os filhos, por sua vez, se repreendem, internalizam sentimentos de culpa, desejam parar de estudar e, como isso não se mostra possível, se perdem em estratégias, ou na falta delas, que os levam a seguidos fracassos, reduzindo as expectativas das famílias sobre o potencial de sua escolarização. Essa é uma tônica constante das tensões que percebemos nas trajetórias dos Perfis 1, 2 e 3, entretanto, mesmo na trajetória de sucesso escolar, como ocorre

⁹ É bom lembrar que, pelos dados da PNAD 2012, apenas 12% da população brasileira possui concluído o Ensino Superior.

no Perfil 4, os conflitos, angústias e tensões são elementos presentes, se bem que em razão de uma outra ordem de fatores. O problema aqui é que as expectativas familiares são muito elevadas e a estudante nem sempre conseguiu conviver com elas de maneira amistosa. Em certa ocasião, foi repreendida pela avó, que a chamou de covarde por pensar em desistir de prestar o vestibular para Medicina, teve de conviver com a pressão dos familiares pelo seu sucesso no ENEM e, por fim, ela teve que aprender a conviver com as próprias cobranças, não menos impiedosas que as dos familiares, e que quase lhe custaram a boa condição de saúde para realização das provas dos exames admissionais.

Mas essas tensões e ansiedades afetam também os professores. Esses, apesar de não se considerarem como responsáveis diretos pelo mau desempenho de seus alunos, ainda assim angustiam-se diante de situações que têm dificuldades em entender. Basta citar alguns discursos: [“Eu não entendo os meus alunos. Eu não consigo entendê-los nas suas ânsias”] disse-nos um professor. Por sua vez, uma professora considerou, [“Eu acho os jovens hoje com uma, eles são tão difí... assim, que, não estão difíceis não, eles estão tão complicados hoje”], e completa, [“É uma geração tão diferente que eles tão querendo o quê?”]. Porém, lembremos, essas angústias põem muito pouco a prova a escola e o trabalho pedagógico, já que esses docentes não costumam questionar seu trabalho e quando o fazem, parecem mais reafirmá-lo do que problematizá-lo.

Assim, podemos compreender que, quanto maior for a dependência das famílias em relação à escola para a manutenção e/ou ascensão sociais, maiores serão as tensões.

Ser filho de professor é?

Preferimos responder a essa provocação de maneira negativa, ou seja, ser filho de professor não é uma garantia de se obter sucesso na escola. Essa é mais uma conclusão que obtivemos de nossa pesquisa.

Ainda que por acaso, acabamos por constituir uma amostra de quatro famílias nas quais todas as mães eram professoras. Entretanto, mesmo diante de todas essas possibilidades obtidas através da formação e da experiência profissionais, elas não foram capazes, em três dos quatro casos, de livrarem seus filhos de situações de fracasso escolar. Por isso afirmamos: ser filho de professor não é uma garantia de sucesso escolar.

Com os dados que obtivemos em nossa pesquisa, não é possível afirmar nenhuma correlação que possa esclarecer essa situação. Pode-se pensar que, de alguma maneira, os pais/mães professores não conseguiram mobilizar sua competência pedagógica para o sucesso da escolarização dos filhos. De todo modo, o capital social e o informacional (que se tem em

razão da vida na escola) não deixam de funcionar nesses casos, tornando-se elementos importantíssimos para a minimização dos efeitos do fracasso escolar.

O protagonismo materno e a “meia verdade” da ausência paterna

Em todos os perfis, percebemos, tanto na voz das mães como dos professores, o discurso de que cabe a elas (às mães) zelarem pelo sucesso escolar dos filhos. Essa é uma situação tão séria que, em determinado momento, uma das professoras chega até mesmo a contestar a entrada da mulher no mercado de trabalho, em razão de suas supostas consequências negativas para a educação dos filhos, [“Vou te falar a verdade, os filhos que as mães não trabalham você precisa ver que show de bola que é aqui na escola.”]. É curiosa essa posição, se notarmos que é apresentada por uma mãe/professora. E é mais curiosa ainda já que os filhos dessa docente apresentam, segundo ela mesma, bom desempenho escolar. Em outro caso, mesmo diante de uma situação de desemprego do marido e de dupla jornada da esposa, ainda assim, coube à mãe do Perfil 4 zelar pelas obrigações escolares da filha, já que o pai não assumiu essa tarefa. Além disso, são as mães que frequentam a escola, as reuniões de pais (que deveriam se chamar reuniões de mães), que regulam os tempos em casa, que fiscalizam os deveres de casa, enfim, que administram a escolarização dos filhos. Mas isso não significa que os pais estejam totalmente omissos.

Ao contrário do que dizem os professores, os pais (homens) não estão totalmente desligados da escolarização dos filhos. Ocorre que eles realmente atribuem às mães as maiores responsabilidades sobre a vida escolar da prole, assim, esses pais não costumam frequentar a escola, exceto em momentos de festividades ou, inversamente, em casos de extrema urgência ou necessidade, como em razão de graves problemas disciplinares ou de desempenho¹⁰, por exemplo. Além disso, não são afeitos aos contatos com os professores. Por outro lado, em casa, são figuras sempre requeridas para resolver as dificuldades em relação aos deveres de casa (lembramos que trabalhamos com uma classe média escolarizada) e mantêm uma figura de última autoridade, sendo a instância que costuma socorrer a autoridade materna, quando essa já não mais surte efeito. Assim, a ausência paterna é uma “meia verdade”, isso porque pode ser verificada se levarmos em conta apenas o âmbito da relação/contato direto com a escola, porém, quando analisamos de modo mais profundo a implicação desses pais, vemos que eles não deixam de estarem presentes na escolarização dos filhos, mesmo que em menor escala que as mães.

¹⁰ Vale destacar que existem casos mais graves onde, mesmo convocado a se apresentar na escola, o pai não o faz. Isso aconteceu com o pai do Perfil 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLION, Rrobert. L'argent et l'école. Paris: Pernoud/Stock, 1977. In: NOGUEIRA, Maria Alice: Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. Rev. Bras. Educ., Ago 2004, no.26, p.133-144. ISSN 1413-2478. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14132478200400020001&lng=en&nrm=iso>.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. Les heritiers: les etudiants et la culture. Paris: Ed. Minuit, 1964.
- BOURDIEU, Pierre. *La reproduction: elements pour une theorie du systeme d'enseignement*. Paris: Ed. Minuit, 1970.
- BOURDIEU, P (1966). “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. In: BOURDIEU, P. Escritos de Educação. 9a Ed. – Petrópolis: Vozes, 2007.
- CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 2008.
- NERI, Marcelo. A nova classe média : o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo : Saraiva, 2011.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. 1998, vol.8, n.14-15
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. Bourdieu e a Educação. 3a Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Classes médias e escolas: Novas perspectivas de análises. Currículos sem fronteiras, vol. 10, no 1, p. 212 – 231, jan./jun. 2010.
- .➤ NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e. Efeito pai professor: o impacto da profissão docente na vida escolar dos filhos. Rev. Bras. Educ. [online]. 2013a, vol.18, n.52, pp. 65-79. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782013000100005>.
- POCHMANN, Marcio. Nova classe média? : o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo : Boitempo, 2012.
- .➤ SIMÕES PENA, Rodrigo. Fracasso Escolar na classe média: o inesperado em questão [2014]. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- SINGLY, François. A apropriação da Herança Cultural. Educ. Real. Porto Alegre, RS, Vol. 34, No 1, p. 9 a 32, jan/abr. 2009.